

# Projeto quer devolver ao Comércio o "status" que fugiu com o tempo

MÔNICA BICHARA  
Editoria do 1. Caderno

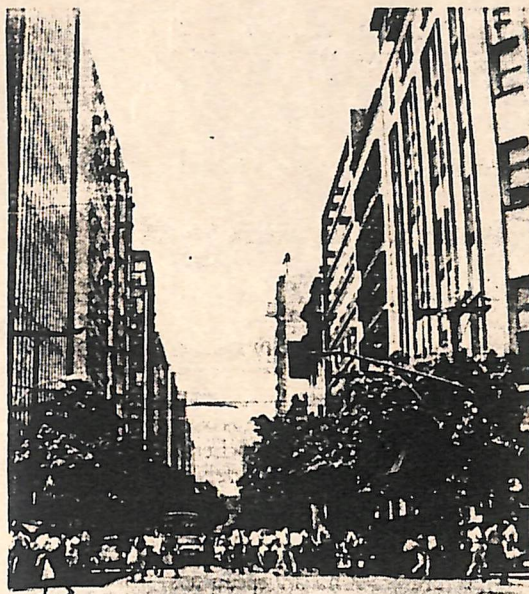
De centro nervoso da capital baiana, onde tudo acontecia e cenário das principais decisões econômicas e jurídicas — lá está a maior concentração de bancos, corretoras de valores e escritórios de advogados —, o Comércio há muito entrou em declínio. Empresas e profissionais vão, aos poucos, mudando "de maia e cuia" para outros endereços mais nobres, especialmente na área do Iguaçu. As ruas estão sujas, falta estacionamento e sobram pivetos. Mas ainda há tempo para recuperar o prestígio.

É justamente isto que pretende o Instituto Miguel Calmon (Imic), que desenvolve um projeto voltado para a revitalização do Comércio. A idéia é barrar o processo de esvaziamento e dar a volta por cima, além de segurar os atuais frequentadores, atrair mais e mais pessoas. Para isso, o Comércio vai precisar de um verdadeiro "banho de loja". Ou de entusiasmo. Uma disposição que terá de partir quase que de um mutirão, unindo banqueiros, lojistas, corretores, advogados, Associação Comercial, Prefeitura, Governo, Câmara Municipal e quem mais estiver disposto a entrar na briga.

**AO AR LIVRE** — Considerado a "avenida paulista dos baianos", por concentrar o maior número de agências bancárias e instituições financeiras, o Comércio, segundo constatação do administrador do Imic, Jorge Costa, entrou num processo de degradação e sua recuperação é uma aspiração antiga dos comerciantes da área. Daí surgiu a idéia do projeto, que, mesmo em fase de estudos, cuja duração prevista é de 60 dias, prevê algumas ações emergenciais.

Entre elas está um mutirão de limpeza das ruas acertado com a Limpurb, e um acordo com bancos e outras empresas para que patrocinem a colocação de cestas de lixo em grande quantidade. Jorge Costa sabe, entretanto, que isto só dará resultado associado a uma campanha de conscientização da população. Outra necessidade imediata é a instalação de sanitários públicos para diminuir o mau-cheiro nos becos e ruas mais estreitas, transformados em verdadeiros mictórios.

Na fase de estudo, os técnicos do Imic estão fazendo um levantamento das necessidades, fontes de investimento e medindo o esvaziamento da área. Pelo menos um grande banco, o Chase Manhattan, já fechou as portas e se mudou para outro bairro, próximo ao Cidadela Center. Muitas salas e lojas estão vazias. A construção de centros empresariais tem atraído vários profissionais instalados no Comércio, embora Jorge Costa deixe claro que "os mais tradicionais, os renomados, permanecem no mesmo lugar".



## Bairro vai ser um shopping ao ar livre

**"UM SHOPPING"** — Ele traduz o Comércio como "um shopping ao ar livre, onde se encontra de tudo". O que falta é modernizá-lo. Estacionamento, por exemplo, é um grave problema da área. A Zona Azul foi descaracterizada e os estacionamentos periféricos deixaram de funcionar a contento. Ir trabalhar de ônibus, deixando o carro na garagem, seria uma solução se a cidade contasse com um eficiente transporte coletivo. Todos estes aspectos estão sendo considerados. Por enquanto o que se sabe é que um edifício-garagem está sendo construído com 700 vagas, praticamente todas já vendidas.

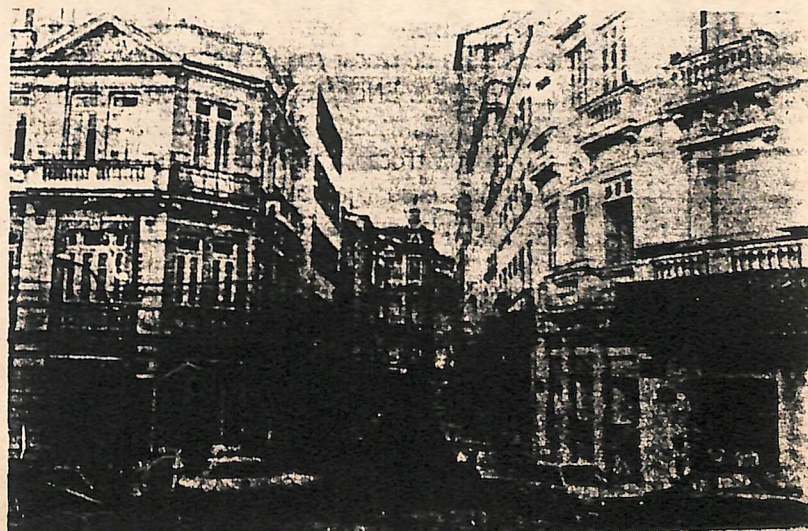
Uma opção cara? O administrador do Imic diz que nem tanto, a provar pela grande procura antes mesmo de terminada a construção. A Zona Azul, segundo ele, deu certo no início, quando era administrada pela Associação Comercial, ten-

do como característica a rotatividade. Depois que passou para a Prefeitura, degradou-se. O projeto do Imic abrange da Avenida Contorno a Água de Meninos, incluindo um projeto específico de modernização da Feira de São Joaquim, de autoria da Prefeitura (CPM). Dois armazéns do cais do porto, que estão desocupados, deverão ser transformados em área comercial e turística, com o objetivo de incentivar a promoção de eventos culturais. Auditórios das grandes empresas, principalmente bancos, também poderão ser utilizados para realização de palestras e outras atividades.

**INCENTIVOS** — Nos planos do Imic, que tem como presidente do Conselho de Curadores, Joaquim Fonseca Júnior (presidente da Associação Comercial), como presidente do Conselho Administrativo, Alfeu Pedreira e superintendente o economista Ronald Lobato, está o incentivo a experiências como a do McDonald's, que adotou a Praça da Inglaterra e passou a movimentar o Comércio nos finais de semana.

O Comércio, segundo Jorge Costa, possui a maior rede de telefones da cidade mas, em compensação, só agora a Coelba está retirando a rede elétrica aérea, apesar da subterrânea já vir sendo implantada há 20 anos. Lá estão concentrados vários pólos de lojas especializadas, com 16 lojas de confecções masculina, muitas de artigos esportivos, papelerias e lojas de tintas. Costa reconhece a existência de muitos pivetos durante o horário comercial, mas nega que o perigo rode o Comércio mais do que em outros bairros.

O grande desafio, na sua opinião, será garantir a convivência de prédios antigos e modernos, como acontece em Barcelona, exemplificou, argumentando que muitos prédios em ruína, cuja recuperação seria inviável, deveriam ser demolidos para dar lugar a novos empreendimentos. Acervos históricos importantes estão abrigados no Comércio, como o prédio da Associação Comercial, primeira construção brasileira da linha neo-clássica, onde habita imponente um valioso painel de Portinari. Resta, de tudo isso, um consolo: a degradação dos centros das capitais é um problema mundial. Pelo menos aqui, a bandeira da revitalização começa a ser hasteada.



O plano inclui a recuperação de antigos imóveis da área